

Histórias da ecologia

Núcleo: Teia da vida

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....	p.9
Texto de Núcleo.....	p.14
Mapa do espaço expositivo.....	p.16

Parede 1

Mapa da Parede 1.....	p.17
SALLISA ROSA, <i>Sem título</i>	p.17

Parede 2

Mapa da Parede 2.....	p.18
MELISSA CODY, <i>Under Cover of Webbed Skies Oshodi</i>	p.18
CHONON BENSHO, <i>Keneyia joni (hombre con diseños geométricos)</i>	p.20
MARIA LAET, <i>Notas sobre o limite do mar</i>	p.22
PESIN KATE (CORDELIA SÁNCHEZ GARCÍA), <i>Madre Tejedora</i>	p.22

Parede 3

Mapa da Parede 3.....	p.23
LYGIA CLARK, <i>Rede de elástico</i>	p.23
SHEROANAWÉ HAKIHIIWE, <i>Hena riye riye</i> ...	p.25

Parede 4

Mapa da Parede 4.....	p.27
DANIEL STEEGMANN MANGRANÉ, <i>Galho partido</i>	p.27
MARCELO EXPÓSITO, <i>Herbario para una Constitución de la Tierra</i>	p.28

Parede 5

Mapa da Parede 5.....	p.30
SUZANNE TREISTER, <i>HEXEN 5.0/Tarot</i>	p.30

Espaço 6

Mapa do Espaço 6.....	p.32
ZHENG BO, <i>The Political Life of Plants I</i>	p.33

ZHENG BO, *The Political Life of Plants II*....p.33

Parede 7

Mapa da Parede 7.....p.35

JOSECA YANOMAMI, *Estados Unidos hamë Davi a huu wii thëã*.....p.35

JAIDER ESBELL, *Txaísmo*.....p.36

CAROLINA CAYCEDO, *Joênia Wapichana*...p.38

CAROLINA CAYCEDO, *Sonia Guajajara*.....p.39

CAROLINA CAYCEDO, *Tuíre Kayapó*.....p.39

PAULO JARES, *Tuíre Kayapó aproxima facão do rosto do então presidente da Eletronorte, José Antonio Muniz Lopes, no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, Altamira, Pará*...p.41

HANA-RAWHITI MAIPI-CLARKE, *MP Hana-Rawhiti Maipi-Clarke Leads Haka to Protest New Zealand Parliament*.....p.43

Parede 8

Mapa da Parede 10.....	p.45
EDELO (EN DONDE ERA LA ONU) & KIKA CARVALHO, <i>Zapantera Negra</i> (cartaz “Solidariedade afro-americana com os povos oprimidos do mundo”, de Emory Douglas, c 2025 Emory Douglas/licenciado por AFNYLAW.com, reinterpretado por Kika Carvalho).....	p.45
RINI TEMPLETON, <i>Sem título</i>	p.47
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: <i>Reforma agraria: por um Brasil sem latifundio! — 4º Congresso Nacional — MST</i>	p.48
<i>Escola de Assentamento — Ocupar, resistir, produzir também na educação</i>	p.49
<i>Escola e cultura</i>	p.49
<i>Escola e mística</i>	p.49
<i>Reforma agrária é democracia</i>	p.49

<i>Reforma agrária: uma luta de todos.....</i>	<i>p.49</i>
<i>Terra para quem nela trabalha — 1º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais sem Terra.....</i>	<i>p.49</i>
<i>Ocupar, resistir e produzir — II Encontro estadual Movimento Sem Terra.....</i>	<i>p.50</i>
<i>Lutar por saúde é lutar pela vida — MST — Setor Nacional de Saúde.....</i>	<i>p.50</i>
<i>Balbina: ameaça e destruição na Amazônia..</i>	<i>p.50</i>
<i>Queremos terra, não fome! — Dia do Trabalhador Rural.....</i>	<i>p.50</i>

Parede 9

Mapa da Parede 9.....	p.52
MARCELA CANTUÁRIA, <i>Margarida Alves</i>	p.52
CAROLINA CAYCEDO, <i>Vandana Shiva</i>	p.54
MARIA AUXILIADORA, <i>Vida no sítio</i>	p.55
HEITOR DOS PRAZERES, <i>Sem título (A volta da roça)</i>	p.56
CARMÉZIA EMILIANO, <i>Moqueando peixe</i>	p.57

Parede 10

Mapa da Parede 8.....	p.59
RITA PONCE DE LEÓN, <i>Letters that Grew from the Earth I</i>	p.59

Obra tridimensional no espaço expositivo

Mapa da Obra tridimensional no espaço expositivo.....	p.60
IRMA POMA CANCHUMANI, <i>Bondades de la Pachamama</i>	p.60

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA

No ano em que o Brasil sedia a COP30 – Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém do Pará, o MASP apresenta a exposição *Histórias da ecologia*. Esta é a oitava mostra do museu dedicada a histórias diversas, plurais e polifônicas desde 2016. Não se trata de uma resposta direta à conferência, mas de um enfoque ampliado. Para além da urgência incontornável da crise climática, a exposição expande o conceito de ecologia, analisando, por meio do trabalho de artistas, ativistas e movimentos sociais, as relações entre seres humanos e mais-que-humanos — que incluem animais, plantas, rios, florestas, montanhas e fungos.

A escolha do termo “ecologia”, em lugar de “natureza”, é aqui uma decisão conceitual. Ao contrário de concepções que isolam a natureza como entidade exterior à sociedade, a ecologia é compreendida como trama relacional, um campo de forças em constante transformação, que questiona dicotomias como natureza/cultura, sujeito/objeto, humano/não humano. Essa abordagem dialoga com propostas contemporâneas de uma virada ecológica nas ciências humanas e sociais, que repensam os modos de produção de conhecimento a partir da multiplicidade de mundos e ecossistemas.

Com obras de 116 artistas, em sua maioria oriundos do chamado Sul Global, *Histórias da ecologia* amplia essa rede para estabelecer alianças entre Sul e Norte, reconhecendo que a crise climática exige ações coordenadas,

solidárias e urgentes. Muitas obras revelam não apenas os efeitos, mas também as raízes históricas do colonialismo, do racismo ambiental e do capitalismo global sobre corpos, territórios e ecossistemas.

A mostra é organizada em cinco núcleos, sugeridos nesta ordem de visita, do sexto ao segundo andar do edifício: *Teia da vida*, *Geografias do tempo*, *Vir-a-ser*, *Territórios, migrações e fronteiras* e *Habitar o clima*. A exposição transita entre saberes geológicos, biográficos, espirituais, comunitários e planetários. Propõe, assim, reconhecer cosmologias que resistem à destruição da vida e instaurar espaços de imaginação crítica, nos quais o futuro se apresenta como campo de disputa e responsabilidade coletiva.

Curadoria: André Mesquita e Isabella Rjeille, MASP

A exposição faz parte do programa anual do MASP dedicado às *Histórias da Ecologia* em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Movimento dos Atingidos por Barragens, Taniki Yanomami, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019 o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria

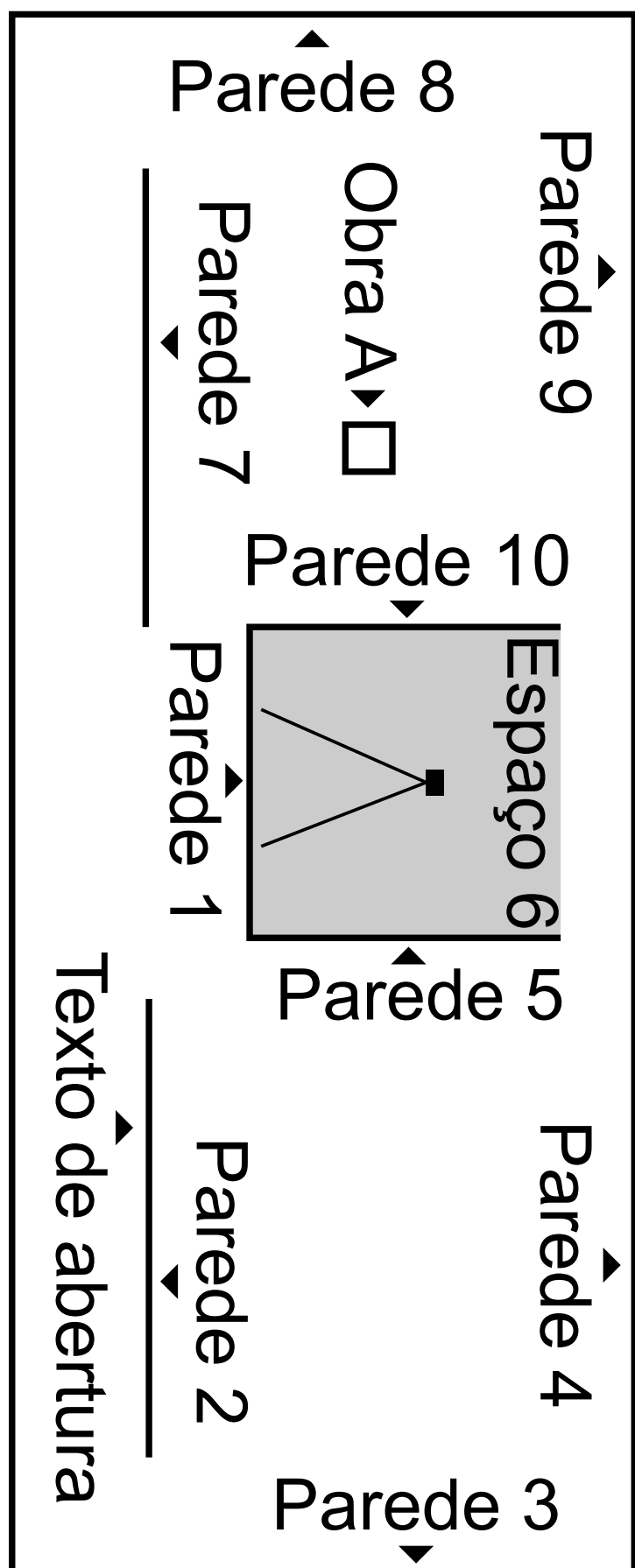
Bardi também incorpora soluções sustentáveis, conquistando certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

Texto de Núcleo: TEIA DA VIDA

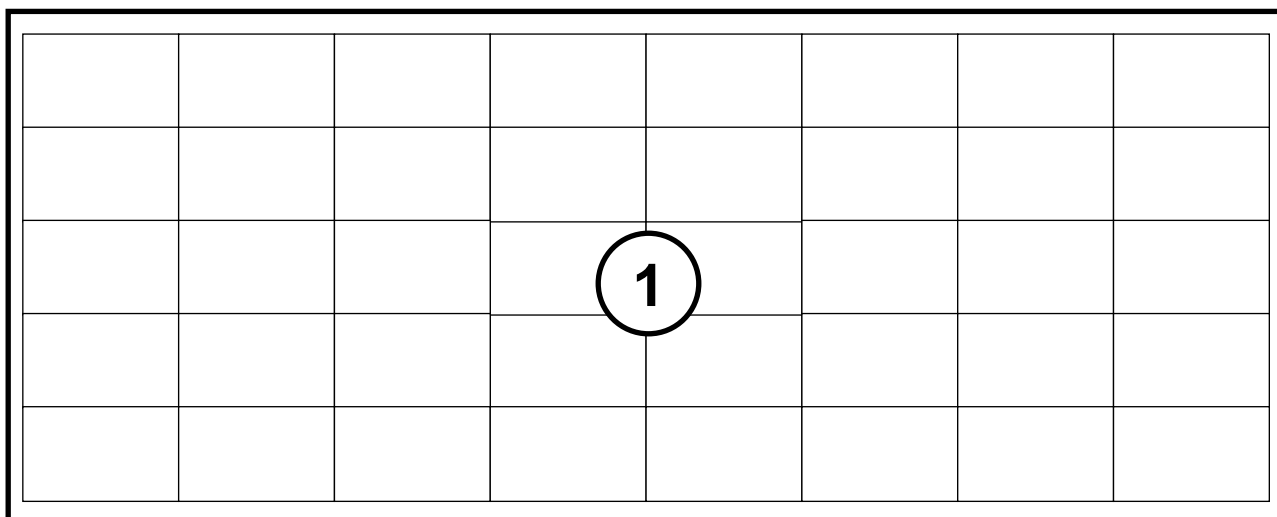
Teia da vida dá início à exposição *Histórias da ecologia*. Neste núcleo, a imagem da teia de aranha é explorada tanto como metáfora quanto em sua presença simbólica e sagrada em diversas culturas e cosmovisões. Ela serve de ponto de partida para abordar o pensamento ecológico como uma rede de inter-relações na qual todos os pontos estão conectados, sem hierarquias, começo ou fim — e cujo desenho se transforma conforme o movimento de seus elementos. Essa metáfora também evoca o ato de tecer, de conectar fios numa trama: uma tecnologia ancestral, majoritariamente feminina, que cria mundos, narra histórias e envolve diferentes agentes humanos e mais-que-humanos em sua concepção e materialização.

Funcionando como uma introdução ao pensamento ecológico em teia, este núcleo reúne trabalhos e documentos que revelam diferentes maneiras de perceber a ecologia como essa trama complexa: das cosmovisões indígenas às redes políticas e sociais de poder e influência; das disputas ligadas à terra à forma como um ecossistema se organiza e se autorregula.

Mapa do espaço expositivo



PAREDE 1



Sallisa Rosa

Goiânia, Brasil, 1986, vive no Rio de Janeiro

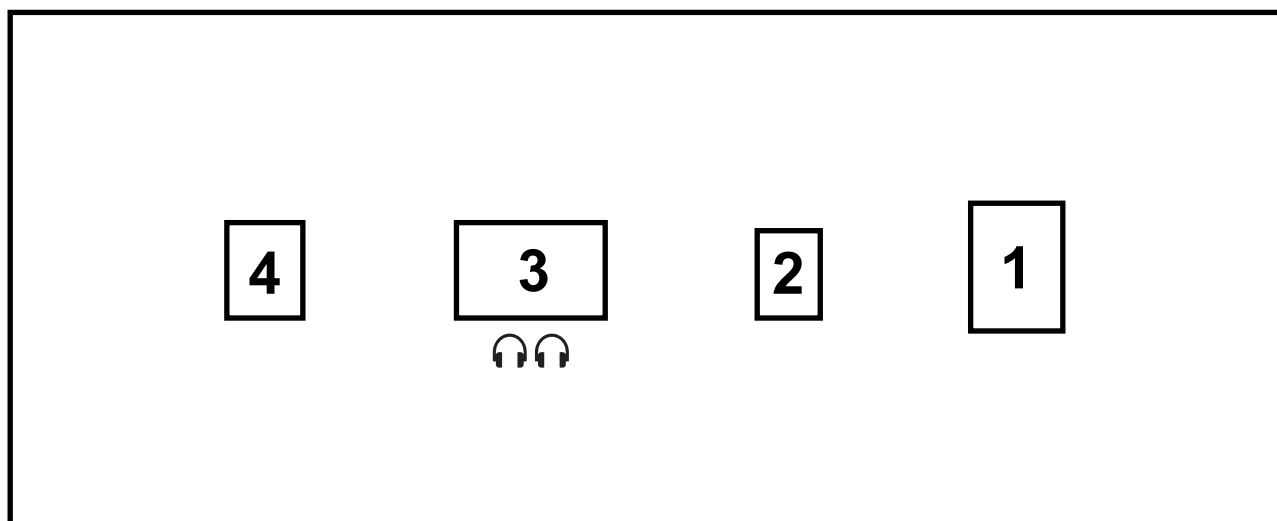
1. *Sem título*, da série *Resistência*, 2017-19

Impressão offset sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista no contexto
da exposição *Histórias das mulheres,*
histórias feministas

PAREDE 2



Melissa Cody

No Water Mesa, Nação Navajo, Estados Unidos,
1983, vive em Long Beach, Estados Unidos

1. *Under Cover of Webbed Skies* [Sob o
manto de céus tramados], 2021

Urdidura em lã, trama, borda de cordões e
corantes de anilina

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand,
doação Rose e Alfredo Setubal, 2024.

Neste trabalho, Cody conjuga a história da tecelagem navajo, seu território ancestral e a transmissão dos conhecimentos da Mulher Aranha — figura sagrada que ensinou o povo Diné/Navajo a tecer. Na cosmovisão navajo, estar diante do tear é estar diante do universo. Dividida em dois planos — céu azul-esverdeado (superior) e terra com formas triangulares (inferior) —, a obra apresenta três “ampulhetas” centrais, símbolos da Mulher Aranha. Ao se repetir como um padrão, esse símbolo se assemelha a uma teia que enreda o céu. Posicionadas no topo das formas triangulares, que simbolizam uma das montanhas sagradas de seu território ancestral, Cody reforça o vínculo entre a prática artística e o território.

Chonon Bensho

Santa Clara de Yarinacocha, Peru, 1992,
vive em Lima

2. *Keneyia joni (hombre con diseños geométricos)* [Keneyia joni (homem com desenhos geométricos)], 2023

Bordado sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Diretoria Estatutária,
Alexandre Bertoldi, Andrea Waslander, Flávia
e Rodrigo Almeida, Heitor Martins, Jackson
de Farias Schneider, Jean Sigrist, Juliana
Siqueira de Sá, Tania Haddad no contexto da
exposição *Histórias indígenas*, 2023.

Chonon Bensho é uma artista Shipibo-Konibo e herdeira dos conhecimentos ancestrais sobre o uso terapêutico de plantas e do sistema de desenhos Kené, transmitidos por gerações de mulheres de sua família. *Keneyia joni* é um bordado sobre tela no qual uma figura humana encontra-se mesclada com um fundo composto por padrões geométricos vibrantes e simétricos Kené. Nessa obra, há uma das variações desses desenhos chamada *maya kene*, que é inspirado pelos meandros dos rios amazônicos. Este desenho preenche toda a tela, conectando o interior e o exterior da figura humana, mostrando que habitar o território é também ser habitado por ele.

Maria Laet

Rio de Janeiro, 1982, vive no Rio de Janeiro

3. *Notas sobre o limite do mar*, 2011

Vídeo, 11'42"

Coleção da artista, Rio de Janeiro

Pesin Kate (Cordelia Sánchez García)

Shipibo–Konibo, Pucallpa, Peru, 1985,

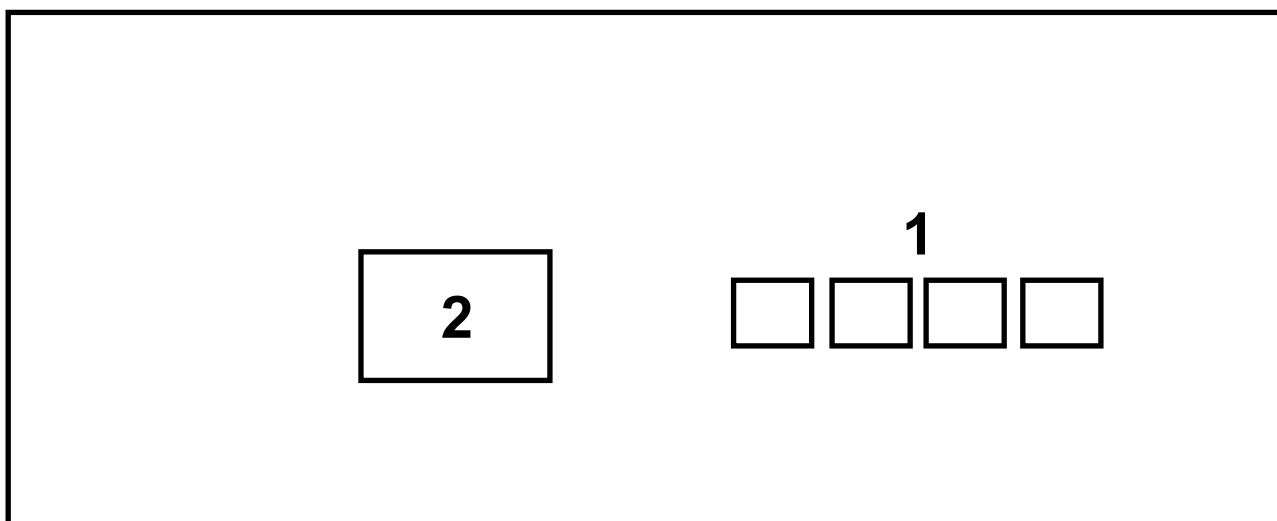
vive em Lima

4. *Madre Tejedora* [Mãe tecelã], 2020

Acrílica sobre tela

Coleção Miguel A. López, Lima

PAREDE 3



Lygia Clark

Belo Horizonte, Brasil, 1920—1988, Rio de Janeiro

1. *Rede de elástico*, 1969

Impressão digital sobre papel

Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”, Rio de Janeiro

Rede de elásticos integrou os experimentos que Lygia Clark realizou ao deslocar a linha do espaço da pintura e levá-la para o mundo. Essa ação foi mediada por uma rede de faixas elásticas manipulada coletivamente, diluindo a individualidade dos participantes em prol de um “corpo coletivo”, no qual as ações de um participante afetam todo o grupo, modificando a estrutura da teia. Sua presença na exposição não reivindica uma preocupação “ambiental” na obra de Clark, mas expande sua leitura, ressaltando a atualidade de seus experimentos em torno da criação de uma consciência coletiva, essencial para navegar a crise atual.

Sheroanawe Hakihiwe

Sheroana, Venezuela, 1971, vive entre Caracas e Mahekoto Theri, Venezuela

2. *Hena riye riye* [Folha verde], 2021

Monotipia sobre papel

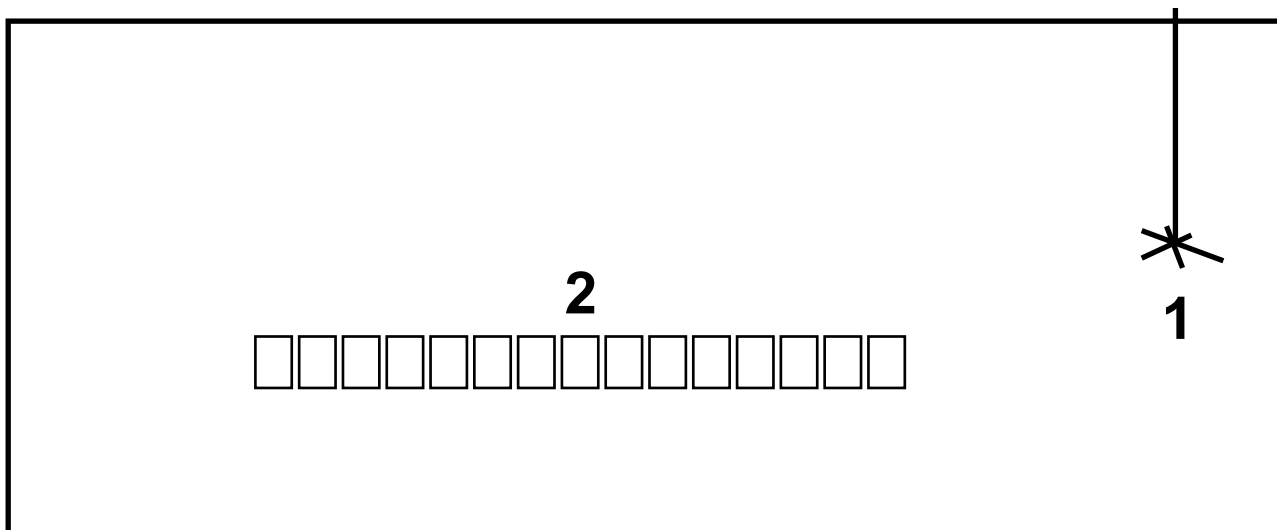
Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação do artista, 2024

Sheroanawe Hakihiwe é um artista yanomami que trabalha com desenhos, monotipos e pinturas inspirados na observação da natureza e nos rituais de sua comunidade. A repetição de elementos é característica marcante de seu trabalho, remetendo tanto à sua formação escolar não indígena quanto à tradição das pinturas corporais. Essa técnica confere ritmo e funciona como modo de contar histórias. Em *Hena riye*

riye [Folha verde], Hakihiwe repete a mesma folha 24 vezes, destacando os detalhes de sua venação. A reiteração desses símbolos preserva uma memória gráfica da vida na floresta, servindo como testemunho e defesa de um saber coletivo.

PAREDE 4



Daniel Steegmann Mangrané

Barcelona, Espanha, 1977, vive no Rio de Janeiro

1. *Galho partido*, 2023

Ramo de faia dividido

Coleção do artista, Rio de Janeiro

Marcelo Expósito

Puertollano, Espanha, 1966, vive em
Barcelona, Espanha

2. *Herbario para una Constitución de la Tierra* [Herbário para uma Constituição da Terra], 2023

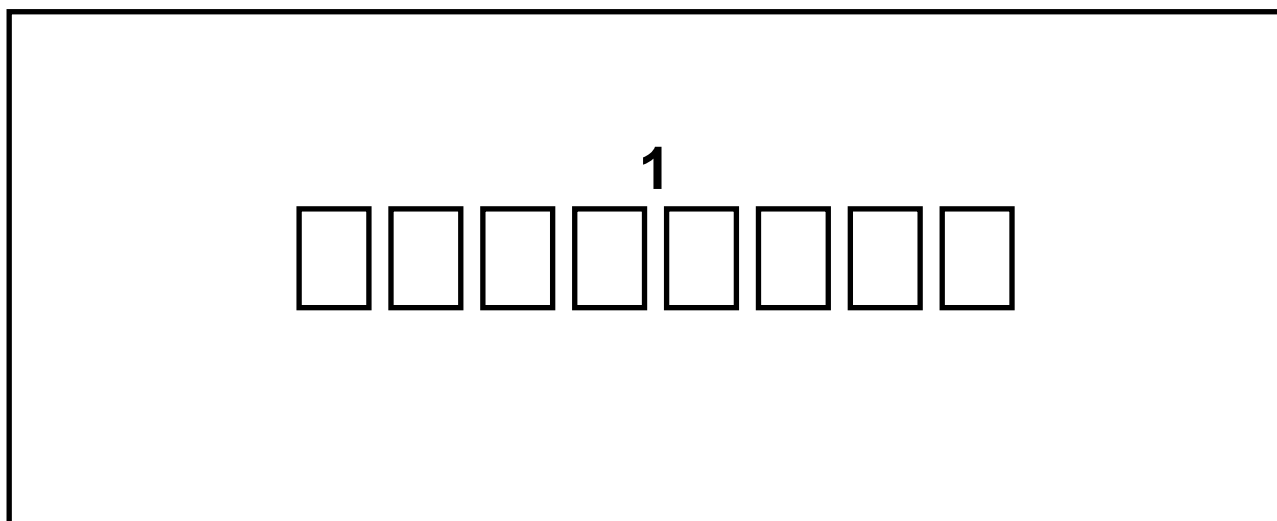
Quinze pranchas com plantas e anotações
manuscritas a tinta, molduras de madeira
com vidro

Coleção do artista, Barcelona

Em *Herbario para una Constitución de la Tierra*, Marcelo Expósito se inspira nos herbários criados entre 1913 e 1918 pela revolucionária Rosa Luxemburgo (1871-1919), que catalogou minuciosamente plantas durante sua prisão. Esse gesto demonstra atenção às formas de vida que

a cercavam mesmo durante um momento de extrema repressão — não com intenção científica (como tradicionalmente são feitos os herbários), mas como aproximação afetiva. Expósito preservou plantas curativas em herbários diagramáticos, acrescentando anotações de seu *Oratório para una Constitución de la Tierra* (2023). Esse livro de artista se baseia em textos constitucionais sobre direitos ambientais para expor as heranças coloniais que ainda persistem na relação com a terra.

PAREDE 5



Suzanne Treister

Londres, 1958, vive em Londres

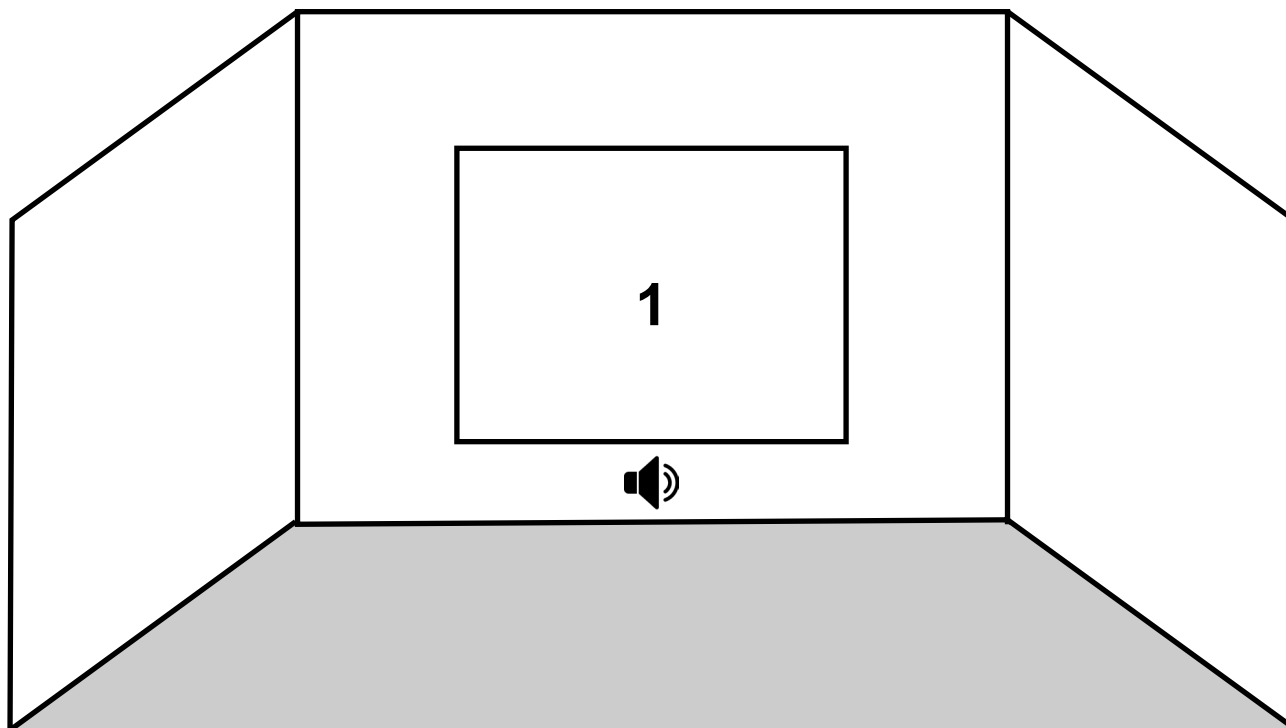
1. *HEXEN 5.0/Tarot* [HEXEN 5.0/Tarô], 2023-25

Impressão digital sobre papel, 8 de uma série
de 78 trabalhos

Coleção da artista, Londres

Hexen 5.0 é um trabalho composto por 78 desenhos inspirados nas cartas do tarô, no qual Suzanne Treister explora criticamente as relações entre ciência, corporações, governos e práticas extrativistas, assim como a espiritualidade e a emergência de novas teorias e ativismos bio/sócio/políticos frente à atual crise climática. Essas cartas são inspiradas por imagens da alquimia produzidas entre os séculos 13 e 18, período em que ciência e espiritualidade coexistiam. Através de uma espécie de mapeamento, Treister conecta imagens, sistemas e campos de conhecimento com o objetivo de levantar questões sobre como o ecossistema planetário deve ser regulado frente à atual crise climática.

ESPAÇO 6



Zheng Bo

Pequim, 1974, vive em Lantau Island, Hong Kong

1.

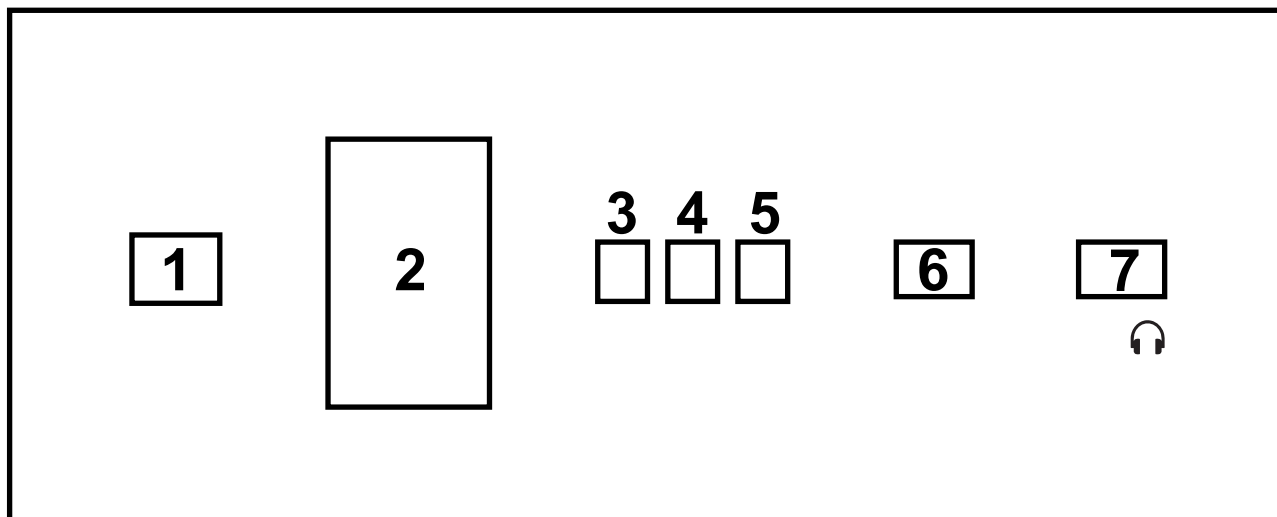
The Political Life of Plants I [A vida política das plantas I], 2021

The Political Life of Plants II [A vida política das plantas II], 2023

Vídeo 4K, cor, preto e branco, som em dois canais
Coleção do artista, Lantau Island, Hong Kong

Na prática de Zheng Bo, a atenção e a sensibilidade ao entorno são indissociáveis de uma sensibilidade política. Nos vídeos *A vida política das plantas I e II*, o artista explora as sofisticadas redes de relações entre plantas, fungos e outros seres enquanto caminha por uma floresta de faias em Brandemburgo, na Alemanha, com os cientistas Matthias Rillig e Roosa Laitinen. Rillig é especialista em biodiversidade e ecologia do solo, e Laitinen investiga a base genética da plasticidade das plantas. Os temas de suas pesquisas se entrelaçam com as reflexões de Bo e com os sons e imagens da floresta.

PAREDE 7



Joseca Yanomami

Rio Uxi u, Território Yanomami, Brasil, 1971, vive na comunidade Watoriki, Território Yanomami

1. *Estados Unidos hamë Davi a huu wii thëã* [Sobre a viagem de Davi Kopenawa aos Estados Unidos], 2011

Grafite, lápis de cor e tinta de caneta
hidrográfica sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Clarice O. Tavares, 2021.

Jaider Esbell

Normandia, Brasil, 1979—2021

2. *Txaísmo*, 2019

Tinta de marcador permanente e lápis de cor
sobre algodão

Galeria Jaider Esbell, Boa Vista, Brasil

A luta dos povos indígenas no Brasil e no mundo é inseparável da luta ambiental, por isso suas presenças são essenciais em instâncias de decisão política para combater mudanças climáticas e preservar a vida na Terra. O conceito de *txaísmo* foi cunhado pelo artista indígena Jaider Esbell a partir da palavra *txai*, termo pan-étnico que nomeia alianças entre pessoas indígenas, não indígenas e seres dos mundos natural e espiritual. Em seu

mapa-fluxograma, Esbell associa o *txaísmo* à *florestania*, um contraponto a “cidadania”, fruto das lutas indígenas pelo reconhecimento de que não apenas habitantes das cidades, mas também seres da floresta — como árvores, rios e montanhas — possuem direitos.

Carolina Caycedo

Londres, 1978, vive em Los Angeles

My Brazilian Feminine Lineage of Struggle

[Minha linhagem brasileira feminina de luta],
da série *Genealogy of Struggle* [Genealogia
da luta], 2018-19

3. Joênia Wapichana

Advogada e política filiada à Rede

Sustentabilidade (Rede), foi a primeira mulher indígena eleita deputada federal, representando o estado de Roraima, em 2018. Recebeu o Prêmio de Direitos Humanos da ONU em 2018.

4. *Sonia Guajajara*

Liderança da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Guajajara tem influência no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) e apresenta denúncias nas Conferências Mundiais do Clima (COP) e no Parlamento Europeu. Recebeu a Ordem do Mérito Cultural em 2015.

5. *Tuíre Kayapó*

Liderança do povo Kayapó, tornou-se símbolo da luta indígena contra a construção de hidrelétricas no Brasil. Em 1989, Tuíre Kayapó ameaçou, com a lâmina de seu facão, o engenheiro José Antônio Muniz Lopes em uma audiência pública em Altamira sobre a construção do complexo hidrelétrico no rio Xingu (atual Usina de Belo

Monte). Esta imagem viralizou em jornais nacionais e internacionais, chamando a atenção para os riscos que estes empreendimentos representam para a sobrevivência dos povos indígenas. Recebeu uma homenagem do Congresso Internacional da Etnobiologia em 2018.

Nanquim sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação da artista no contexto da exposição *Histórias das mulheres, histórias feministas*, 2019.

Paulo Jares

Belém, Brasil, 1968—2019, Rio de Janeiro

6. Tuíre Kayapó aproxima facão do rosto do então presidente da Eletronorte, José Antonio Muniz Lopes, no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, Altamira, Pará, 1989

Impressão digital sobre papel

Arquivo Paulo Jares, Rio de Janeiro

Tuíre Kayapó destacou-se por combater o garimpo em terras indígenas e se posicionar contra o marco temporal, o que a consolidou como liderança. Em 1989, aos 19 anos, Kayapó ganhou notoriedade internacional ao confrontar o então presidente da Eletronorte, José Antônio Muniz, pressionando um facão contra seu rosto

durante uma audiência acerca da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, no Pará. O protesto contra a construção em território indígena circulou o mundo, e os planos da Eletronorte foram suspensos por uma década. O facão de Tuíre Kayapó se tornou um importante símbolo de resistência indígena e tornou-se referência para a obra de Sallisa Rosa, presente neste núcleo.

Hana-Rawhiti Maipi-Clarke

Huntly, Nova Zelândia, 2002, vive em Huntly

7. MP Hana-Rawhiti Maipi-Clarke Leads

Haka to Protest New Zealand Parliament

[Parlamentar Hana-Rawhiti Maipi-Clarke lidera haka para protestar no parlamento da Nova Zelândia], 2024

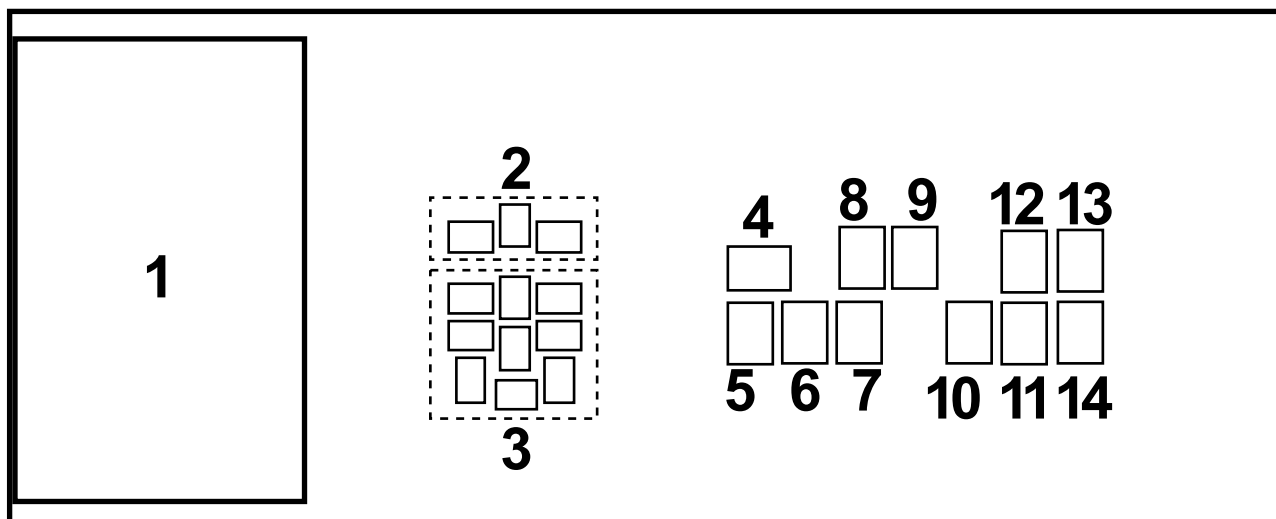
Vídeo, 1'24"

Whakaata Māori, Nova Zelândia

Em novembro de 2024, a deputada maori Hana-Rawhiti MaipiClarke interrompeu uma votação com a performance da *haka*, dança cerimonial tradicional maori. O ato foi um protesto contra um projeto de lei que colocava em risco diversos direitos conquistados pelo povo maori em Aotearoa Nova Zelândia. Este projeto, feito sem

nenhuma consulta aos maori, ameaçava o Tratado de Waitangi (1840), que visava reparar diversas injustiças cometidas historicamente contra o povo indígena durante a colonização. A aprovação do projeto de lei representaria um retrocesso aos processos de equidade racial e reparação histórica, tornando mais vulnerável a população nativa, que compõe atualmente 18% do país.

PAREDE 8



EDELO (En Donde Era La ONU) & Kika Carvalho

San Cristóbal de las Casas, México, 2009-2014/

Vitória, Brasil, 1992, vive no Rio de Janeiro

1. Zapantera Negra (cartaz “Solidariedade afro-americana com os povos oprimidos do mundo”, de Emory Douglas, c 2025 Emory Douglas/licenciado por AFNYLAW.com, reinterpretado por Kika Carvalho), 2025

Pintura mural

Cortesia dos artistas, San Cristobal de las Casas, México

O projeto *Zapantera Negra* é resultado das temporadas de Emory Douglas, ministro da Cultura dos Panteras Negras, numa residência em Chiapas, no México, organizadas entre 2012 e 2014 pelo espaço autônomo EDELO. Durante esses encontros, Douglas realizou oficinas e ações gráficas com as comunidades zapatistas locais, promovendo diversas trocas culturais e políticas. A cada nova exposição, o projeto convida um artista local para reinterpretar uma imagem histórica dos Panteras Negras conectando-a à luta zapatista. Para *Histórias da ecologia*, a artista Kika Carvalho criou uma versão de um conhecido cartaz de Douglas dos anos 1960.

Rini Templeton

Buffalo, Estados Unidos, 1935—1986,

Cidade do México

2. *Sem título*, décadas de 1970 e 1980

3. *Sem título*, década de 1970

Impressão digital sobre papel

Rini Templeton Estate, Estados Unidos

Rini Templeton retratou as lutas de trabalhadores nos EUA, México e América Central em desenhos que definia como “arte xerox” — liberando-os para reprodução gratuita em gráficas ativistas. Aqui, encontram-se desenhos que mostram a Coordinación Nacional Plan de Ayala (CNPA) (1979), organização política dos camponeses mexicanos que reivindica a restituição das terras

aos trabalhadores e trabalhadoras do campo; a organização formada pela comunidade indígena Zapoteca, Coalición Obrera, Campesina, Estudiantil del Istmo (COCEI) (1974), que lutou por reforma agrária e direitos trabalhistas; desenhos produzidos em Guerrero, México e no Panamá em 1977, que retratam a presença afro-panamenha, a paisagem semitropical e a influência política e militar dos Estados Unidos.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Cascavel, Brasil, 1984 - em atividade

4. Reforma agraria: por um Brasil sem latifundio! — 4º Congresso Nacional — MST, 2000

5. *Escola de Assentamento — Ocupar, resistir, produzir também na educação,*
sem data.

6. *Escola e cultura,* sem data

7. *Escola e mística,* sem data

8. *Reforma agrária é democracia,* sem data

9. *Reforma agrária: uma luta de todos,*
sem data

10. *Terra para quem nela trabalha — 1º*
Congresso Nacional dos Trabalhadores
Rurais sem Terra, 1985

11. Ocupar, resistir e produzir — II Encontro estadual Movimento Sem Terra, sem data

12. Lutar por saúde é lutar pela vida — MST — Setor Nacional de Saúde, sem data

13. Balbina: ameaça e destruição na Amazônia, sem data

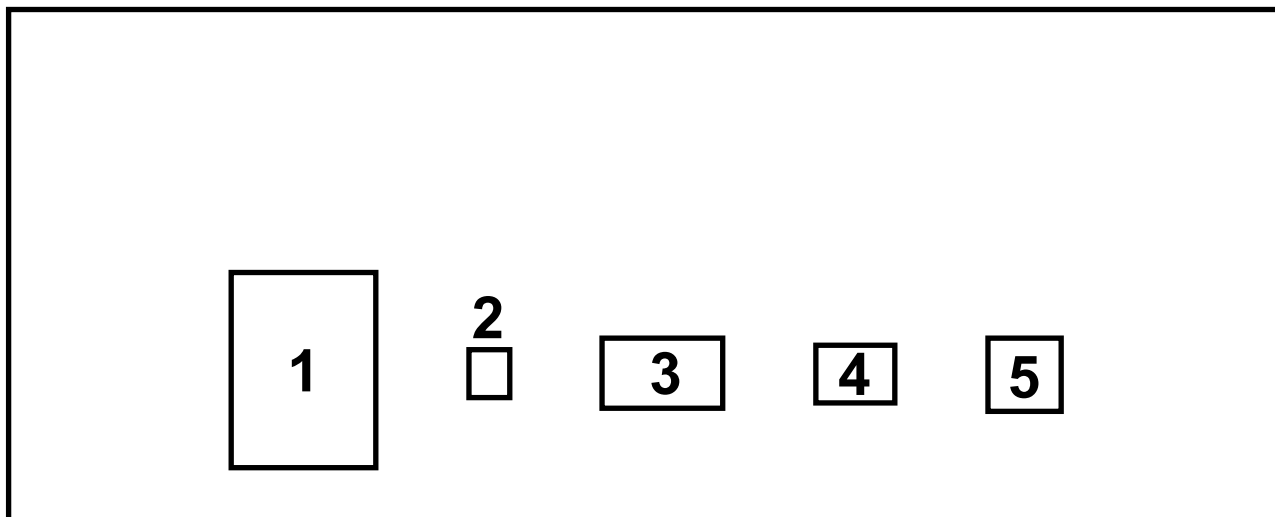
14. Queremos terra, não fome! — Dia do Trabalhador Rural, sem data

Impressão digital sobre papel

Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, Brasil

Pensar ecologia é também pensar soberania alimentar, acesso à terra para a agricultura familiar, água limpa, educação e cultura, alimentação digna e de qualidade. Essas pautas estão presentes na luta histórica do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) pela reforma agrária, que também inclui a luta por justiça ambiental, a proteção da natureza e a defesa dos direitos dos povos do campo. Neste núcleo, estão inclusos cartazes históricos do movimento, que abordam temáticas como a fome e o acesso à terra, a ameaça representada pela construção de barragens e a importância da educação e da cultura na vida campesina.

PAREDE 9



Marcela Cantuária

Rio de Janeiro, 1991, vive no Rio de Janeiro

1. *Margarida Alves*, 2020

Óleo sobre tela

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Alfredo Setubal e

Rose Setubal, no contexto da exposição

Histórias brasileiras, 2022.

Soberania alimentar e luta pela igualdade de direitos para as mulheres do campo eram pautas centrais da líder sindical paraibana Margarida Maria Alves (1933-1983), a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande. Nesta pintura de Marcela Cantuária, seu legado é simbolizado por elementos como o milho, base alimentar de muitas populações latino-americanas; crianças com uma escada, em alusão a seu crescimento e educação; e trabalhadores em cavalos alados, referência a sua liberdade e autonomia. Esses elementos emolduram o rosto de Margarida, que se funde à paisagem, com o olhar firme no horizonte.

Carolina Caycedo

Londres, 1978, vive em Los Angeles

My Feminine Lineage of Environmental Struggle [Minha linhagem feminina da luta ambiental], da série *Genealogy of Struggle* [Genealogia da luta], 2018-19

2. Vandana Shiva

Nanquim sobre papel

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Rose Setubal e Alfredo Setubal, no contexto da exposição *Histórias das mulheres, histórias feministas*, 2019.

É escritora, atua em favor do ecofeminismo e da democracia alimentar na Índia. Recebeu o prêmio Right Livelihood em 1993.

Maria Auxiliadora

Campo Belo, Brasil, 1935—1974, São Paulo

3. *Vida no sítio*, 1971

Óleo e massa acrílica sobre tela

Coleção Alfio Lagnado, São Paulo

O conceito de “bem-viver”, originário dos povos andinos e que se espalhou pela América Latina, constitui uma alternativa às formas de vida individualistas e às lógicas extrativistas do capitalismo, na qual a comunidade e a relação harmônica com a natureza são valorizadas. Ideia semelhante pode ser vista em *Moqueando peixe*, de Carmézia Emiliano, que retrata uma cena de pescaria e preparo de peixes em convívio com cenas de lazer e descanso, com redes penduradas nos troncos das árvores. Essa mesma integração

não hierárquica entre trabalho e lazer, humanos e bichos, pode ser visto também em *Vida no sítio* (1971), de Maria Auxiliadora.

Heitor dos Prazeres

Rio de Janeiro, 1898—1966

4. *Sem título (A volta da roça)*, sem data

Óleo sobre cartão

Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, doação Maurício Buck, 2016.

Carmézia Emiliano

Maloca do Japó, Brasil, 1960, vive em Boa Vista, Brasil

5. *Moqueando peixe*, 2020

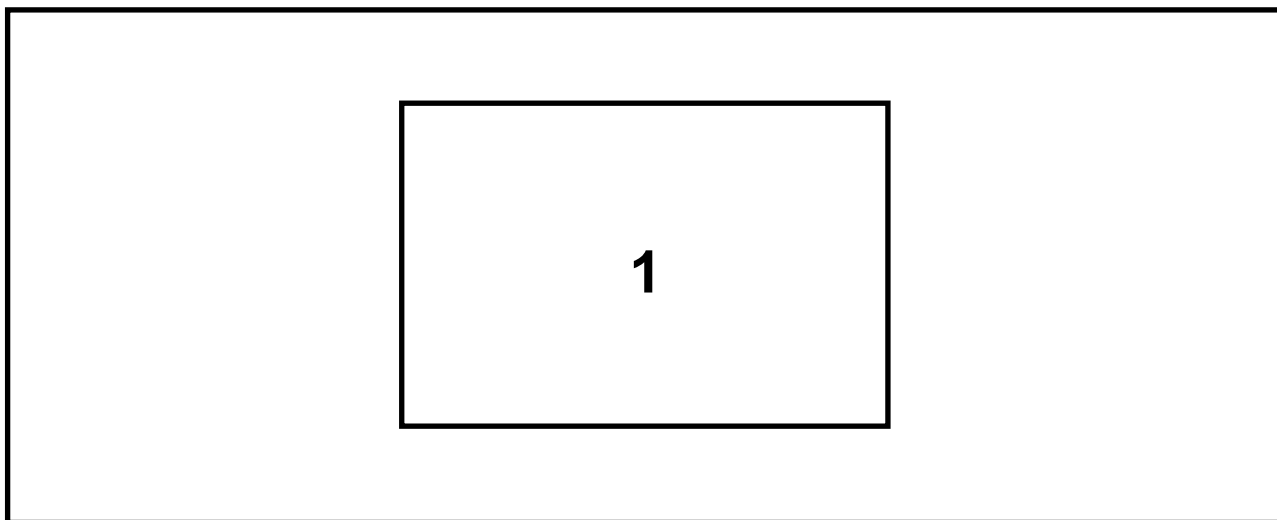
Óleo sobre tela

Coleção particular

O conceito de “bem-viver”, originário dos povos andinos e que se espalhou pela América Latina, constitui uma alternativa às formas de vida individualistas e às lógicas extrativistas do capitalismo, na qual a comunidade e a relação harmônica com a natureza são valorizadas. Ideia semelhante pode ser vista em *Moqueando peixe*, de Carmézia Emiliano, que retrata uma cena de pescaria e preparo de peixes em convívio com cenas de lazer e descanso, com redes penduradas

nos troncos das árvores. Essa mesma integração não hierárquica entre trabalho e lazer, humanos e bichos, pode ser visto também em *Vida no sítio* (1971), de Maria Auxiliadora.

PAREDE 10



Rita Ponce de León

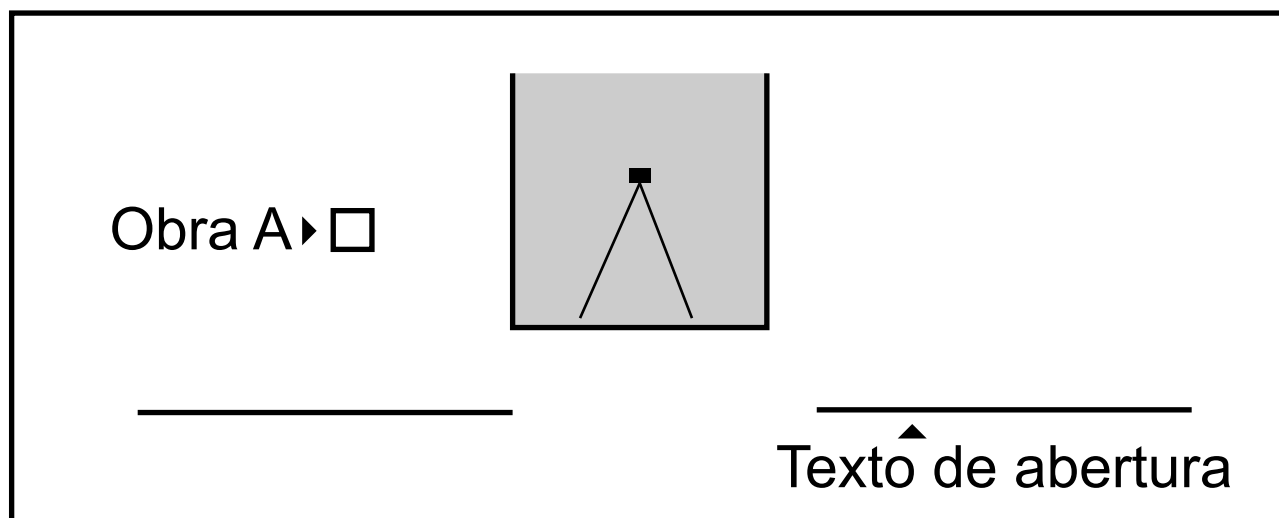
Lima, 1982, vive na Cidade do México

1. *Letters that Grew from the Earth I* [Cartas que nasceram da terra I], 2024

Tinta e lápis de cor sobre papel

Coleção particular, Lima

OBRA TRIDIMENSIONAL NO ESPAÇO EXPOSITIVO



Irma Poma Canchumani

Junín, Peru, 1969, vive em Junín

A. Bondades de la Pachamama [Bondades de Pachamama], 2010

Cabaça entalhada

Coleção Miguel A. López, Lima

A artista quéchua Irma Poma Canchumani emprega a tradicional técnica do mate burilado para abordar os impactos das mudanças climáticas em sua comunidade, bem como as relações de seu povo com a terra. Nesta obra, vemos uma das mãos da grande figura feminina vertendo a água que forma um rio onde nadam animais; da outra mão, sementes caem sobre a terra. Essa figura pode ser interpretada como Pachamama, entidade sagrada andina que sustenta, alimenta e conecta todos os seres. A cena é preenchida por plantas, animais e pessoas — como uma densa teia de detalhes que integram o corpo da figura central.